

**AS INTERFERÊNCIAS SUBJETIVAS
DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE OUTRA LÍNGUA
EM MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE**

*Natália Luiza Carneiro Lopes (UNICAP)
lopes.natalia.lopes@gmail.com*

RESUMO

Aprender uma língua estrangeira é complexo porque solicita, ao mesmo tempo, nossa relação com o saber, com o corpo e com nós mesmos enquanto sujeitos falantes. Além disso, como propõe Revuz (2002), é um processo que convoca as bases de nossa estruturação psíquica e, com elas, aquilo que é, ao mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação, ou seja, a língua chamada materna. Portanto, toda tentativa para aprender outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. Ancorando-se em conceitos da linguística estrutural, aqui representados por Saussure e pelos conceitos freudolacanianos direcionados à questão da linguagem, este trabalho pretende investigar efeitos subjetivos da aquisição de uma língua estrangeira em mulheres em situação de cárcere, e seus laços com a língua materna.

Palavras-chave: Língua estrangeira. Língua materna. Psicanálise. Cárcere.

1. Introdução

O aumento da violência constitui, hoje, um dos maiores males da nossa sociedade, gerando por problemas diversos: desigualdade, abuso de poder, revolta. Uma das áreas mais atingidas e ao mesmo tempo responsável por esse quadro é o sistema penitenciário. De acordo com Foucault, a prisão se fundamenta pelo papel de “aparelho para transformar os indivíduos” (1999, p. 196), servindo desde os primórdios como uma “detenção legal” encarregada de um suplemento corretivo, ou, ainda, uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar no sistema legal.

Assim, os presídios brasileiros, inicialmente idealizados como espaços ressocializadores, estão longe de cumprir essa função. Pelo contrário, em função de seus graves problemas estruturais, levam, muitas vezes, o prisioneiro a uma carreira na criminalidade. Ao contrário do que se previra, o(a) condenado(a) que deveria estar recuperado quando saísse da prisão, apto a se reinserir na sociedade, sem transgredir à lei acaba, geralmente, retornando à marginalidade, perpetuando sua situação de excluído social. Tal fato pode ser atestado pelas altas taxas de fugas e rebeliões

que hoje existem no Brasil, bem como as taxas de reincidência dos presos brasileiros.

Essa realidade é agravada quando se remete à situação das mulheres encarceradas. Para O'Connor (2004, p. 2), "(...) pouca atenção tem sido dada às diferentes necessidades e problemas das mulheres presas em relação aos homens." Segundo essa autora, as mulheres constituem uma porcentagem relativamente pequena da população carcerária no mundo, mas, em alguns estados brasileiros, esse percentual é crescente. Vale assinalar que uma porcentagem substancial de mulheres presas também são mães. Não existem políticas públicas para um tratamento adequado para essas mulheres que se aglomeram cada vez mais, visto que há um aumento do aprisionamento feminino, não por delitos violentos, mas por envolvimento com entorpecentes, com o tráfico de drogas, sendo usadas, geralmente, como "mulas" transportadoras. O encarceramento, nesses casos, não afeta apenas a pessoa detida, mas atinge também o núcleo familiar, comunitário e social. Afeta principalmente os filhos das presas. Assim, a questão da mulher presa é uma preocupação internacional. A Assembleia Geral da ONU, pela Resolução 58/183, recomendou que se desse maior atenção às questões referentes à mulher encarcerada.

Durante passagens pelo presídio feminino, como voluntária de uma organização social, deparei-me não apenas com mulheres que perderam sua liberdade, mas com pessoas que perderam sua autoestima e dignidade. Mulheres que se sentem intimidadas, resultando em seu isolamento.

Com intenção de minimizar esses efeitos, vêm sendo desenvolvidos programas voltados para a educação dentro do sistema penitenciário, que são realizados através de escolas estaduais, a exemplo do ensino de língua inglesa. De acordo com o sociólogo Fernando Salla (1999, p. 67), "[...] por mais que a prisão seja incapaz de ressocializar, um grande número de detentos deixa o sistema penitenciário e abandona a marginalidade porque teve a oportunidade de estudar".

A língua inglesa é um idioma de fundamental importância no mundo globalizado. Vale ressaltar que dentre as línguas estrangeira, é dada maior importância ao inglês, em função de ser a língua oficial das trocas diplomáticas entre os países. A importância de se conhecer a língua inglesa encontra-se, também, destacada no seguinte trecho dos PCN de língua estrangeira:

No âmbito da LDB [Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional], as línguas estrangeiras modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Assim, integradas à área de línguas, códigos e suas tecnologias, as línguas estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado. (BRASIL, 2000, p. 25)

2. *Referências teóricas*

Nesse sentido, Gasparini (2010) afirma que a aprendizagem de uma língua envolve diferentes aspectos que extrapolam os elementos cognitivos e conscientes, que são normalmente realçados pela pedagogia do ensino de línguas como fatores essenciais para toda aprendizagem.

De maneira que, para além de fornecer objetivamente um conhecimento que contribui para a reinserção das detentas na esfera social, a aquisição de uma outra língua tem efeitos subjetivos, provocando modificações a ponto de conferir ao sujeito um outro lugar, conforme mostram os estudos que vêm sendo realizados tanto no campo da psicanálise, como no campo da linguística afetada pela psicanálise, especificamente freudo-lacaniana.

Como propõe Revuz:

[...] o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado por solicitar as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna. Toda tentativa de aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. O aprendiz já traz consigo uma longa história com sua língua. Essa história interferirá sempre em sua maneira de abordar a língua estrangeira. (2002, p. 217)

Revuz (2002) assinala ainda que “o estranhamento do dito na outra língua pode tanto ser vivido como uma perda (...), como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade” (p. 224). Dentro da mesma ótica, Melman (1992, p. 57) acrescenta que a aquisição de uma língua outra cogitaria, para alguns, “a aspiração de sair do exílio que é próprio ao sujeito. A aspiração de encontrar a terra onde ele poderia dar a escutar esta língua na qual finalmente se exprimiria, se articula-

ria claramente o desejo”.

Esses autores recorrem aos trabalhos realizados no campo da linguística estrutural, aqui representada pelos trabalhos de Saussure, que têm a preocupação de considerar a ordem própria da língua. Além do *Curso de Linguística Geral*, a publicação dos *Escritos de Linguística Geral*, bem como o mapa das anotações de aula dos discípulos do Curso de Linguística Geral (como Robert Godel e Émile Constantin) e as publicações de Starobinsky concernente aos estudos saussurianos sobre os anagramas e as lendas germânicas, entre outros, têm atraído cada vez mais autores preocupados em dar conta da complexidade da obra de Saussure. As teses saussurianas ultrapassam fronteiras e ainda hoje se revelam como importantes contribuições para a linguística.

3. *Saussure*

O mestre genebrino foi o instaurador, de fato, da linguística enquanto ciência. A linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências que tanto lhe tomam emprestado, como lhe fornecem dados. O fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que lhe correspondem, e das quais uma não vale sem a outra. O som é um instrumento da linguagem. O lado individual é a fala (*parole*). O lado social é a língua (*langue*). E o lado individual e social é a linguagem, que por sua vez é multiforme e heteróclita. Ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica. Para achar no conjunto da linguagem a esfera que corresponde à língua, é necessário reconstituir o circuito da fala.

Saussure foi o precursor de um grupo de epistemólogos que provocariam uma reviravolta na ideologia acadêmica, isso quando tratamos sobre o estruturalismo francês que foi regido pelo caráter estrutural que o mestre permeia a linguagem e a língua.

Os pontos tratados acerca da língua(gem) o incentivavam a estudar a história dos povos e as leituras da etimologia.

A ideia de ser possível, com a ajuda de uma ou mais sílabas sânscritas – pois essa era a ideia do livro e de toda a linguística da época, – recuperar a vida dos povos desaparecidos me inflamava com entusiasmo sem igual em sua ingenuidade; e não tenho lembranças mais deliciosas ou mais verdadeiras de prazer linguístico do que aquelas que me vêm até hoje em lufadas dessa leitura da infância. (SAUSSURE, *apud* BOUQUET, 1997, p. 58)

Retornando a Genebra, Saussure realizou sua análise sobre os

anagramas e também elaborou três cursos sobre a linguística geral na Universidade de Genebra. O brilhante mestre morreu sem ter finalizado suas opiniões e sem ter publicado suas teorias. Anos mais tarde, Charles Bally e Albert Sechehaye (que nunca foram alunos de Saussure, mas tiveram a colaboração de um ex-aluno, Albert Riedlinger), querendo homenagear o linguista que partiu prematuramente, publicam em 1916, a partir de notas dos alunos, o livro que se tornou o divisor de águas entre a gramática comparativa e a linguística do século XX, o *Curso de Linguística Geral*. Alguns estudiosos arriscam-se a dizer que o nome de Saussure se confunde com o *Curso de Linguística Geral*, devido à propagação do pensamento saussuriano através do *Curso de Linguística Geral*. Mas isso também não é regra, pois se assim pensássemos, esqueceríamos daquele Saussure vislumbrado ao estudo belíssimo dos anagramas. Por outro lado, seria impossível deixar de lado esse Saussure visionário, também presente no *Curso de Linguística Geral*. Penso que talvez este gênio necessitasse se enquadrar na epistemologia, pois se assim não fosse, será que teríamos hoje a instauração da linguística na ciência, e não mais como adjunta a outras ciências?

Saussure não vem para esclarecer as interrogações, mas para instigá-las às suas últimas consequências, fazendo do seu texto e do seu curso um clássico que ultrapassará um século.

O mais interessante de tudo isso, é que eu, enquanto graduanda em letras que fui, de 2005 até 2008, não conseguia enxergar Saussure dessa forma. Eu o via um “velho” que para mais nada servia a não ser, ter instaurado suas dicotomias e signos. As novidades pragmáticas eram o auge, ao meu ver. Ledo engano. Sem Saussure talvez também não houvesse nem a pragmática. Meu intuito, há quase dois anos, desde quando iniciei o mestrado e conheci minha admirável orientadora, é o de me ocupar com um recorte na teoria saussuriana, visto a partir do olhar da picanálise.

Saussure carregava a retidão de um pensador de seu tempo, marcado pelo positivismo que dominava o panorama científico daquele tempo. O *Curso de Linguística Geral* foi, para a época, uma experiência de fundar um novo estatuto epistemológico para a ciência linguística, porque a comparação chegava a muitas hipóteses e regras gramaticais, mas faltava algo que desse “solidez” a estas teorias. Então, Saussure sugere a postulação estrutural do que seria uma língua, e tal estrutura estaria situada num plano em que não se encontrariam os fatos da empiria da língua. Ele tenta chegar, na verdade, a um conceito, uma estrutura teórica e não a

um objeto empírico como as demais ciências. O que Saussure faz é a invenção de um postulado teórico, por isso dizemos que é impossível haver língua, vista por este prisma, antes de Saussure.

4. Psicanálise e linguagem

Assim também Freud inaugurou o conceito do inconsciente em psicanálise. Ele esboçou um sistema de funcionamento do aparelho psíquico. Também podemos dizer que não existia inconsciente anterior a Freud nessa perspectiva, porque, antes dele, havia outras teorias de inconsciente, e de causas da histeria. Inclusive, antes de Freud, houve a época da invenção do vibrador sexual feminino, pois existia uma teoria que postulava que a histeria das mulheres poderia apenas ser curada por meio de orgasmos.

O inconsciente, assim, também não é uma realidade empírica, é um conceito. Desse modo, a concepção saussuriana equipara-se à freudiana, nas seguintes dimensões: conserva simetria com o real, tem um caráter estrutural e conceitual, e é constante e universal, ao mesmo tempo em que é singular e particular em cada sujeito. Saussure inventou uma hipótese, um conceito que traceja uma estrutura de língua; ou seja, uma invenção simbólica, que tem como uma das implicações estimular um registro do real.

As descobertas da psicanálise, principalmente no que diz respeito à constituição do sujeito do inconsciente, consistirão em outra base teórica para este trabalho. Aliás, devemos observar que a elaboração desse conceito também é tributária do pensamento de Saussure e de Jakobson sobre a linguagem. Mais uma vez comprovamos a extrema relevância dos trabalhos de Saussure para os estudos de aquisição de língua na Psicanálise e na linguística afetada pela Psicanálise:

O linguista genebrino serviu, assim, de fonte de inspiração para algumas das mais marcantes investidas lacanianas, (...), no qual o psicanalista francês recorreu à teoria saussuriana do significante para especular sobre este elemento e estabeleceu-o como presença impreterível no funcionamento do aparelho psíquico, causa da função subjetiva por seus deslizamentos no inconsciente, e ponto fundamental para a constituição de toda e qualquer significação ou efeito de sentido, *a posteriori*, no ser de linguagem. (GASPARINI, 2010, p. 25-26)

É preciso ressaltar que, para elaborar o conceito de sujeito, o ponto de partida e fundamento mais básico para Lacan foi a obra de Freud. Foi este autor que postulou que o ser humano não é senhor de si mesmo e

de seus atos, devendo ficar satisfeito com informações insuficientes sobre o que ocorre inconscientemente em sua mente. E Moraes (1999) afirma, ainda, serem a linguagem e suas leis que oferecem, de maneira forte em Freud, sua instituição ao inconsciente.

E define também que:

[...] este aparelho [psíquico] não está aí colocado como um instrumento preexistente à linguagem, mas sim, para articular, numa relação de causa e efeito, a função da linguagem na formação desse aparelho: a linguagem não é só efeito desse funcionamento, mas é também aquilo que o funda. Dessa forma o outro e o mundo vão se constituir objetos, a partir do que a linguagem constrói (MORAES, 1999, p. 10).

Faz-se necessário lembrar com Porge o conceito de sujeito de inconsciente:

[...] está aí para tornar possível operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar sua dimensão fundamental de não sabido. [...] Ele não é sujeito no inconsciente, imaginado como um reservatório das pulsões, ele é a própria pulsação, é a fenda onde algo de não sabido – de inconsciente – se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. O sujeito não é substancial, ele é o momento de eclipse que se manifesta no equívoco. (PORGE, 1993, p. 502)

Sujeito do inconsciente é algo que se produz num intervalo entre um significante e outro. Um sujeito é sempre representado por um significante, e da mesma forma que ele surge, ele desaparece, é evanescente. O sujeito laciano é fruto do seu dizer, não é uma substância, não tem qualidades que possam caracterizá-lo, não possui características, não tem atributo. As relações que cada um estabelece com os significantes são diferentes, pois tem ligação com a posição do sujeito, e o sujeito se relaciona com sua própria história. Na medida em que o sujeito se posiciona de um determinado modo em relação a determinados significantes que o constituíram, e que para ele, assumem uma determinada significação inconsciente.

5. Metodologia e análises

Nossa pesquisa propôs trabalhar com reeducandas do presídio feminino de Recife – PE, através de entrevistas (gravações e transcrições) que teve como principal objetivo investigar efeitos subjetivos da aquisição de uma língua estrangeira.

Ainda estou em fase de coleta já que, mesmo que seja para investigação científica, não é fácil a entrada em unidades prisionais. Mas ana-

lisarei aqui uma amostra da entrevista de uma detenta, gravada em áudio. Esta que vamos colocar em pequena análise, tem 27 anos, é trabalhadora e estudante de escola regular, com língua inglesa inclusa no currículo do colégio (dentro da unidade prisional).

Ela diz sobre a língua estrangeira: “*Acho bonita e acho difícil*”.

De maneira inevitável, os aprendizes convivem com bloqueamentos no momento de ser um outro, de ver como veria o olho de um outro, de experimentar uma outra forma de nomear o mundo pela tomada de palavra em uma língua estrangeira (SERRANI-INFANTE, 1998). Segundo os fundamentos de Christine Revuz (2002), o difícil da aquisição de língua estrangeira pode ser entendido se considerarmos ela solicita uma conexão de dimensões do sujeito que nem sempre convivem em concórdância: afirmação do eu, trabalho de corpo e dimensão cognitiva. O corpo se mostra de uma forma em língua materna e se mostra de uma forma bem diferente em língua estrangeira, pois o aparelho fonador precisa se adequar (novamente) a uma outra articulação. A mesma articulação pode ser regada a tragédias para alguns e de beleza para outros, dificuldade para uns e facilidade para outros, prazer para uns e desgosto para outros.

Tentar pronunciar o “r” francês, o “j” espanhol, o som de “th” do inglês, é proporcionar uma liberdade esquecida ao aparelho fonador, explorar movimentos de contração, relaxamento, abertura, fechamento, vibração que produzem, ao mesmo tempo que os sons, muitas sensações surpreendentes no plano dessa região bucal, tão importante no corpo erógeno. (REVUZ, 2002, p. 221)

Para dar-se a aquisição da segunda língua, requerem-se também “as bases mesmas de nossa estruturação psíquica e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna” (REVUZ, 2002, p. 217). Por força desses fundamentos, mencionamos Lacan (1985, p. 27), que já afirmava que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Quando falamos sobre o sujeito na aquisição de língua estrangeira, Revuz diz que o estar-já-aí da primeira língua “é tão onipresente na vida do sujeito, que tem a sensação de jamais tê-la aprendido, e o encontro com uma outra língua aparece efetivamente como uma experiência totalmente nova” (1998, p. 215). Essa passagem nos remete a refletir que normalmente não damos valor ao vínculo afetivo que temos com a língua-mãe, exceto nas situações em que estamos “de frente” a outra língua.

Para isso, é imprescindível modificar o corpo, articular de outra maneira a que estamos habituados e que muitas vezes, para nós, falantes

de língua materna parece ser a forma singular de falar ou escrever. É preciso refletir e dar nome (de novo) aos substantivos, aos verbos, aos adjetivos, entre outras classes, e compreender as não semelhanças dos “significados”, inclusive de expressões que não habitam na língua-mãe. Logo, é olhar o mundo com outros olhos, sob um prisma diferente. É ‘mudar de casa’, inserir-se numa nova identidade.

Tão bem escreve Christine Revuz ao dizer que “o sujeito deve pôr a serviço da expressão de seu eu um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entoacionais e um trabalho de análise e de memorização das estruturas linguísticas” (1998, p. 217). Ou seja, inserir-se na língua estrangeira é movimentar com uma identidade aparentemente constante, mas que na verdade ela é repleta de divergências, bem próprias dos sujeitos humanos.

Julia Kristeva diz que “estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade [...] o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (1994, p. 9). Para Kristeva, a única liberdade do estrangeiro como peregrino que se aparta de suas raízes, é exatamente a própria liberdade. Acabado o laço que o liga a sua língua materna, sente-se “completamente livre”.

[...]o caráter cercador dessa língua (*materna*), responsável pela subjetividade e, portanto, pela inserção do sujeito no mundo simbólico da linguagem, mas, [...] aponta para a possibilidade – e não a contingência – de que a língua possa se transformar, de materna (lugar de repouso, de segurança, de realização do desejo fundamental de completude), em madrasta (com todas as conotações que a palavra carrega: interditos, censura, punição, desconforto, angústia, castração, mal-estar...). (CORACINI, 2007, p. 137, *grifo nosso*)

A adjetivação “materna” traz à tona a característica sitiada desta língua, patrocinadora primeira da constituição do sujeito em sua subjetividade. Em nossa pesquisa sondaremos as possibilidades de este lugar de conforto, comodidade, tranquilidade que subjazem a língua mãe passar a ser um lugar de punição, angústia e desconforto. E o sujeito chega a se sentir estrangeiro em sua própria casa. Freud já discutia essa função da linguagem chamando-a de *Unheimlich* (1919): o estranhamento do familiar ou o familiar estranho.

É considerável lembrar aqui que acompanharemos o pressuposto que o sujeito se constitui na e pela linguagem, por via da perspectiva lacaniana. Trataremos aqui sobre sujeito psicanalítico, clivado, barrado,

que segue em conformidade às normas impostas sociais. E que precisa delas para viver com alguma harmonia em seu meio. Este sujeito “[...] transita num espaço em que as fronteiras do consciente e o inconsciente são tênues e movediças, em que a possibilidade de (auto)controle esbarra a todo momento com a sua impossibilidade”. (CORACINI, 2007, p. 135)

O que se busca, na verdade, é uma língua libertadora, que traga ao sujeito a completude tão procurada. Derrida (1996) diz que esse prisma da busca incessante do homem por uma língua una, que lhe complete, na verdade é sempre desejada (como se deseje também o outro, em nossa ilusão de preenchimento da falta de nos constitui) mas é sempre uma promessa. Se é promessa nota-se que “ela falta”, “pois ela não existe”. Todo sujeito é constituído na e pela linguagem, e toda linguagem falta, é insuficiente. Mas uma língua tida como estranha/estrangeira pode trazer a esse mesmo sujeito permissões, ou inferências nunca antes possíveis na língua materna.

Apesar do vácuo próprio do sujeito, já que ele é constituído pelo desejo do Outro/outro, que também é sujeito barrado, que é constituído por Outros que também são clivados, a aquisição de uma segunda língua pode remeter a concessões libertárias próprias do novo, do que não mais o acorrenta por obrigatoriedade imposta pelo primeiro desejo Outro.

Foi o caso do francês para Samuel Beckett, do inglês para Fernando Pessoa e para Anna O. Da mesma forma Beckett e Pessoa, ambos escritores, utilizaram-se de sua língua mãe para escrever belos contos/prosas/poesias, mas após alguma maturação levaram seu dom a línguas estrangeiras. “A tarefa de um escritor – não de um artista, mas de um escritor – é a de traduzir” (BECKETT, 1990, p. 97). Já para Pessoa, o inglês lhe permitiu a escrita de poemas eróticos que antes pareciam-lhe inatingíveis em tabu de primeira língua. Anna O., paciente de Freud e Breuer, utilizava o inglês ao invés do alemão, devido a problemáticas com o pai (que falava inglês).

A estudante continua:

É uma sensação boa. Às vezes você diz, o professor, explica aí você vê que tá errado, mas aí você diz de novo e “tá errado”. Aí quando você acerta, que ele (o professor) diz: “Tá certo!” Aí você diz: “Poxa, consegui!” Às vezes você não presta nem atenção na tradução, mas só de você conseguir falar aquela frase perfeita, você já se sente e diz: “Poxa, consegui!” (...) É como se dissesse assim: “Chegou o alvará”.

Ou seja, quando falamos em aquisição de segunda língua, cremos

que o desejo de liberdade que nos compõe nos faz querer adquirir uma outra língua. “O desejo de falar a língua do outro, de ser um outro, parece uma tentativa de evocar o eu estrangeiro, o próprio estranhamento” (CAVALHEIRO, 2008, p. 492). A esse desejo, Revuz (2002) se refere como uma vivência de retomada ao *infans*, já que volta mais uma vez a liberdade do aparelho fonador.

Como disse Serrani-Infante (1998), a aquisição de uma segunda língua “talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras das questões identitárias do sujeito” (p. 256). Em seu material, a autora procura adentrar questões de cunho não cognitivo. Para ela, a incidência com uma segunda língua abrange um processo vasto e essencial que é de ‘tomada de palavra’. Mas não pensando a língua como mero objeto de comunicação entre emissor e receptor. “Quando se toma a palavra, sabemos, toma-se um lugar que dirá respeito a relações de poder, mas, simultaneamente, ‘toma-se’ a língua, que tem um real específico, uma ordem própria”.

E mais, “ao tomar a palavra somos tomados pela língua” (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 256). Refletindo sobre isso, “vestidos” pela língua estrangeira, é preciso ser sujeito também em outra língua, ou seja, sujeito que instala significados e confere sentidos ao universo.

Compreendemos que, de maneira inevitável, se é abstraído a alguns valores (como afeto) que estão inseridos nos significantes na língua que se está aprendendo. E isto talvez seja um dos pontos principais, que conservam a língua estrangeira em seu *status* de “estrangeira” ao sujeito. É possível entoar a segunda língua por completo em fluência, musicalidade, encontrá-la em sua gramática com excelência, porém algo remetente à memória histórica de uma língua que não vem de berço ainda ficará distante, talvez até impossível de adquirir. Por isso, por mais íntima que nos pareça, daremos sempre o título de: língua estrangeira.

A detenta diz que a alegria de poder falar é tamanha, que é como se ele tivesse conseguido naquele momento um “alvará” de soltura. Uma liberdade que não se encontra mais em língua primeira, mas nos remete a uma soltura daquela zona de conforto da língua materna, ainda que isso faça parte do impossível ao sujeito, pois a liberdade é sempre uma ilusão, já que o eu não é o senhor de sua própria casa, de acordo com Freud, mas uma “(...) sensação de totalidade que nutre o imaginário do sujeito, o tranqüiliza”. (CORACINI, 2007, p. 153)

6. Considerações finais

Conseguimos encontrar, na estrangeiridade, a identidade que nos causa renovação, reboliço, e outra maneira de vislumbrar o mundo e o outro. E por que não dizer, sentir de novo, o sentimento libertário na/pela língua inscrita pela segunda, terceira...décima vez em nós. Ou seja, quantas línguas queira o sujeito aprender, a busca não para.

“Saber uma língua é ser falado por ela” (MELMAN, 1992, p. 18), ou seja, deixar que o inconsciente encontre frechas por onde posso colocar para fora o verdadeiro desejo do sujeito (desejo também clivado, mas novo),

(...) permitindo, assim, a constituição de uma identidade híbrida, heterogênea, em constante movimento, identidade que, cada vez mais híbrida, só poderá trazer benefícios para uma sociedade como a nossa, que precisa se afirmar como povo que pensa e que é capaz de encontrar soluções “criativas” para seus problemas complexos...Se pensarmos que não se cria do nada, mas da articulação singular do que já existe à nossa disposição, então, criar significa construir o novo a partir do velho, do já-dito(...). (CORACINI, 2007, p. 158-159)

Apontamos aqui para uma sociedade que abafa cada vez mais esse sujeito desejante, cada vez menos subjetivo, subjetividade esta constituída pelo Outro/outro. Num universo que cada vez mais afoga os homens num contexto visual, econômico e material, o que sobressai é o sujeito do imaginário. A problemática secular está aí: o sujeito inconsciente continua desejante, em busca de sua completude, e parece encontrá-la nos bens materiais. Vale-se o que se tem.

Por isso, em se tratando da ganância e da desigualdade social, vivemos um dos grandes males do século, já tratados na introdução desde trabalho, que haverá de ter menores índices quando nossos valores, instituídos socialmente forem invertidos de preconceito para auxílio, de dinheiro para pessoas, de individualidade para dignidade coletiva, de ter para SER, afinal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKETT, S. *Proust*. Trad.: Edith Fournier (do inglês), Paris: De Minuit, 1990.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias*.

Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 30-05-2013.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad.: Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAVALHEIRO, A. P. Que exílio é este, “o da língua estrangeira”? *Linguagem & Ensino*, Pelotas, vol. 11, n. 2, p. 487-503, jul./dez. 2008. Disponível em:

<<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/123/92>>.

Acesso em: 25-06-2013.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro*: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GASPARINI, Denise Souza Rodrigues. *Reflexões sobre língua materna e língua estrangeira a partir da incidência de lalange*. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MELMAN, C. *Imigrantes*: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Trad.: Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.

MORAES, M. R. S. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. 1999. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). *Administration of justice, rule of law and democracy*: Working Paper by Florizelle O'Connor. EUA. Biblioteca Eletrônica dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4152eea14.html>>. Acesso em: 25-05-2014.

PORGE, E. Sujeito do inconsciente. In: KAUFMANN, P. (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. O legado de Freud a Lacan. Trad.: Vera Ribeiro e Maria Luisa de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 501-510.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002, p. 213-230.

SALLA, F. *As prisões em São Paulo: 1822-1940*. São Paulo: Annablume /Fapesp, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRANI-INFANTE, S. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002, p. 231-261.